Outros criamos e, herança do século passado, eles são uma experiência corriqueira no nosso, como a psicanálise. Outros procuramos levar à própria escola, onde círculos de confidentes e confessantes substituem a rígida geometria da oposição usual entre o professor e os alunos. Outros, finalmente, obrigamos as suas instituições de origem a desqualificar, como a confissão auricular da Igreja Católica.

Mas há áreas onde anti-septicamente este misterioso hábito de tirar a roupa da alma diante do outro ainda resiste a se difundir. A ciência é uma delas e a sua aplicação à análise da educação é um dos melhores exemplos de seu pudor, a que uma muitas vezes errônea intenção de objetividade, parece servir.

Quase todos os estudos e falas a respeito da educação descrevem e analisam estruturas, sistemas, relações, modificações e processos. Entre o francamente **pedagógico** e as suas extensões ao **social**, a escola se revela às custas de ocultar a experiência real de seus sujeitos e a revelação de suas vidas, como uma narrativa **útil**.

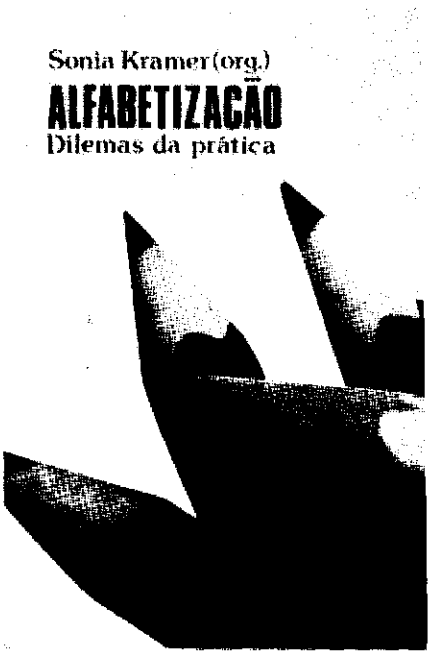
A Pedagogia do Silêncio toma o caminho oposto, não sem muitos riscos, é verdade. Aqui, em um trabalho originalmente escrito para ser defendido como dissertação de mestrado, logo, submetido ao controle e ao temor dos códigos da academia, a escrita da educação não é a análise, mas o depoimento. Melhor, não é a descrição objetiva de relações entre pessoas através de instituições como a escola e seus antecedentes e derivados, mas a confidência de uma vida que confessa, através da corajosa narrativa pessoal do sofrimento, quem temos sido, e o que temos feito, geração após geração, entre nós mesmos e contra todos nós.

É muito raro que educadores narrem por escrito e tomem como matéria de estudo as suas próprias experiências como sujeitos da educação. De tanto visitarmos como cientistas e técnicos este território que afinal fez e faz parte da vida de todos nós, aprendemos a silenciar sobre ele tudo o que finalmente relacione nossa própria vida àquilo a respeito do que objetivamente temos sempre algo a falar.

Mas Victor Tomelin se esquiva da análise – quem sabe? Delegando isto ao poder do leitor – para falar da educação em casa, na escola, no seminário, na igreja, através de suas próprias confissões. O texto surpreende, em primeiro lugar, por causa de sua ingênua coragem. Ora, finalmente um professor subiu no estrado e, ao invés de fazer a chamada, tirou a roupa. O corpo é magro e feio e esta é a segunda surpresa. Não há quase nada de glorioso ou festivo a narrar. Victor nos torna cúmplices de sua pequena sucessão de fracassos, de seus medos, da sua servidão voluntária a uma seqüência de pequenos senhores que vão do pai ao padre e do professor ao colega de estudos. Mas o seu depoimento possui inquestionavelmente a qualidade de todas as confissões pessoais que sabem retirar, da aparente pequenez de uma vida, a grandiosidade de sua revelação. Ele é a difícil fábula verdadeira de um tempo. O mesmo que nós vivemos também, a maioria possível dos seus leitores, em lugares não muito longe de por onde passamos. As revelações feitas aqui não permitem sequer o suspiro de alívio que antecede a frase: "mas agora não tem mais nada disto". Não há um sequer de seus pequenos terrores que não esteja sempre à espreita, à espera de poder de novo aparecer. A confissão do medo, nesta **Pedagogia do Silêncio**, constitui-se como um ato de rara coragem.

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO

ALFABETIZAÇÃO: dilemas da prática



ALFABETIZAÇÃO: Dilemas da Prática – Rio de Janeiro, Dois Pontos Editora Ltda, 1986.

O livro volta a colocar em pauta o tema alfabetização e pretende – nas palavras textuais da organizadora Sonia Kramer, ao fazer sua apresentação – "ser mais uma contribuição não só ao estudo da alfabetização, mas também à procura de estratégias que consigam torná-la real, efetiva".

A temática global desenvolvida se concentra em torno da alfabetização de crianças provenientes de classes populares, bem como da importância do papel da escola em relação à construção de uma sociedade democrática, ratificando a necessidade de se efetuarem debates, dentro da comunidade escolar, que viabilizem respostas aos nossos questionamentos e tornem mais concreta e operativa a prática pedagógica.

Os trabalhos, que de modo geral se preocupam com os temas centrais acima apresentados, se dividem em três partes: Polêmicas, Propostas e Duas Falas para Professores.

Em que pese a importância das propostas contidas na segunda parte do livro, apresentadas respectivamente pela Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais e pelas Secretarias Municipais de Educação do Rio de Janeiro e São Paulo e as contribuições trazidas pelas estratégias adotadas, chamo a atenção para os artigos incluídos em "Polêmicas", por julgar que atingem o objetivo

proposto: levar os leitores a uma reflexão produtiva em relação aos debates ligados a determinadas questões que terão lugar na prática escolar.

Em "Alfabetização: dilemas da prática", escrito por Sonia Kramer, a autora busca analisar algumas questões propostas como dilemas para a prática pedagógica. Começa refletindo sobre a caracterização da alfabetização: seria ela de natureza mecânica, onde se valoriza o produto final, ou de natureza construtiva, onde o processo é enfatizado em função da construção do conhecimento ligado à leitura e à escrita? Tal perspectiva nos leva a um segundo dilema que se instaura a partir do primeiro: Que método usar, o tradicional ou métodos novos? Há ainda um terceiro questionamento, em termos de que fatores priorizar na prática pedagógica durante o processo: os psicológicos, os psicolingüísticos, os lingüísticos ou os sócio-lingüísticos?

Outros problemas típicos da prática escolar, e mais diretamente ligados ao ensino da leitura e escrita, concernentes à escolha e utilização de cartilhas e materiais pedagógicos, à seleção e dosagem dos conteúdos, à avaliação de desempenho, aos critérios de promoção e confrontos entre professores e especialistas são também apresentados.

Concluindo, a autora tenta mostrar que não há uma relação dicotômica na prática pedagógica, mas uma relação dinâmica e dialética e que para solucionar os problemas concretos é preciso superar os dualismos. Propõe também uma nova perspectiva de análise da alfabetização – a perspectiva pedagógica. Tal perspectiva tenderia a unificar os estudos desenvolvidos pelas várias áreas da alfabetização, submetendo-os a um referencial pedagógico que viabilizasse ao professor diminuir as distâncias entre a teoria e a prática.

No segundo artigo, "Alfabetização e Pobreza: três faces do problema", de Terezinha Nunes Carraher, a alfabetização é analisada em relação aos processos psicológicos de sua realização, os problemas sociais a ela relacionados e as condições culturais ligadas a seu uso e sua relevância.

Em relação aos processos psicológicos, coloca-se em questão a dislexia específica de evolução, os testes de prontidão e o insucesso das crianças pobres em termos de deficiências em fatores cognitivos importantes para a aprendizagem. A incidência da dislexia não é proporcional aos altos índices de reprovação encontrados; os testes de prontidão, além de culturalmente tendenciosos em seus conteúdos, não têm sua validade comprovada e explicações do fracasso da criança pobre na alfabetização baseadas na "psicologia da criança carente" são insuficientes.

Do ponto de vista social, a questão da má distribuição dos "bens" da educação, pelo Estado, é novamente apontada, assim como o caráter seletivo da escola primária, sua função reprodutora da sociedade de classes e a necessidade de atuação de educadores comprometidos com as mudanças sociais.

As condições culturais ligadas a seu uso mostram uma relação muito estreita entre a valorização da leitura e escrita enquanto instrumento significativo na vida cotidiana e o nível notivacional da criança, sugerindo ser este nível mais baixo para as crianças de classes menos favorecidas.

"Duas falas para professores" apresenta conferências realizadas pela autora, tendo sido aqui colocadas para permitir debates entre professores sobre sua prática.

A primeira fala discute a alfabetização na pré-escola, em termos de exigência ou necessidade. Embora colocados aparentemente como contraditórios, não o são, pois segundo Sonia, "é a necessidade que provoca a exigência". A autora defende a função pedagógica da pré-escola e enfatiza sua importância em relação à alfabetização da criança de classe popular que freqüenta a escola pública, já que este não é um problema para a escola particular. Considerando necessária e possível a alfabetização na pré-escola, condiciona tal prática à existência de condições que viabilizem um trabalho sistemático, consistente e sério.

Em "Conversando com professores sobre uma prática de alfabetização a serviço das classes populares", Sonia Kramer coloca algumas preocupações ligadas à escola e ao processo de democratização da educação e ao papel do alfabetizador, em termos de sua atuação, por acreditar que tais reflexões podem orientar a prática que nos coloca a serviço das crianças das classes populares.

"É preciso desmistificar a alfabetização como problema e passar a encará-la como fato possível". Assim a autora começa o posfácio do seu livro. Acredito que sua leitura pode realmente ajudar a reflexão daqueles que se interessam pelo assunto.

MARIA AUXILIADORA MATTOS PIMENTEL